



III FESTIVAL DA MPB DE 1967: A INDÚSTRIA CULTURAL NO BRASIL DURANTE O PERÍODO MILITAR¹

Renata Cardoso Marques dos Santos²
Raquel Cantarelli³

RESUMO

Buscou-se por meio do presente artigo resgatar os conceitos de Indústria Cultural, presentes nos estudos dos Frankfurtianos, a respeito da Indústria Cultural do Brasil, durante a ditadura militar, tendo como base o III Festival da MPB de 1967. Para tanto foi necessário mergulhar na história da ditadura militar e a situação em que o país vivia antes do golpe, fato esse influenciador da subida dos militares ao poder. Foi necessário também a análise da Indústria Cultural proposta por Adorno contrapondo com a instituída no Brasil, analisando também o papel do III Festival dentro deste cenário. Percebeu-se que apesar dos estudos de Adorno referentes a Indústria Cultural remeterem a coisificação do homem, a Indústria Cultural no Brasil, por meio da divulgação dos seus artistas teve um papel oposto.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria Cultural; Ditadura Militar; Censura.

INTRODUÇÃO

A ditadura militar que durou vinte e um anos, deixou marcas profundas na história do Brasil. Um período em que se lutava pelas questões políticas e sociais, apesar de se viver em um país que tentava esconder e silenciar a população. Alguns movimentos culturais, que surgiram com o III Festival da MPB de 1967, foram responsáveis por trazer a tona o que a população de fato gostaria de mostrar, sua cultura e seus

¹ Trabalho apresentado no II – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília - UCB, email: renatamcard@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília, email: raquelcantarelli@gmail.com



pensamentos. Para poder entender esse momento é preciso conhecer a situação política em que o país se encontrava, durante o governo de João Goulart⁴.

Apesar da repressão militar na época, a cultura popular brasileira estava em alta, com os grandes festivais que se iniciaram no ano de 1966. É possível perceber ao analisar esse período, que os festivais tiveram papéis importantes. Os públicos dos festivais se tornavam personagens naquele momento, em especial no III Festival da MPB de 1967, onde dentro daquele cenário artístico, eles poderiam ter voz, mesmo que fosse para eleger o ganhador da noite.

“Comecei a ficar interessado nas expressões da cultura de massa. Mas o que acontecia no Brasil? Os programas do Chacrinha a Jovem Guarda, esses foram os meus primeiros interesses. Essas coisas me influenciaram imediatamente⁵.” Caetano Veloso

O artigo resgata alguns conceitos de indústria cultural, analisando o contexto histórico no qual se encontrava o Festival. Dentro desse contexto, pretendeu-se mostrar o quanto os artistas por meio de veículos de comunicação influenciam comportamentos ou criam novos movimentos, podendo assim analisar o desenvolvimento de uma indústria cultural no Brasil. Realizando a comparação com a concepção de indústria cultural dos frankfurtianos, a questão da coisificação do homem.

A presente pesquisa criou um panorama entre a teoria crítica de Adorno, em contraponto com os possíveis benefícios da Indústria Cultural no Brasil, durante a ditadura militar. Os estudos em torno da Indústria Cultural no Brasil se tornam altamente oportunos para que possamos entender uma época. Trago nesse artigo duas questões a serem analisadas, a teoria crítica de Adorno e a possível fuga que a Indústria Cultural trouxe ao Brasil na época da ditadura militar, talvez uma fuga da repressão, da injustiça.

A Ditadura Brasileira – momento político, histórico e econômico

O Brasil vivenciou a ditadura militar com o golpe de 1º de abril de 1964, que durou até 15 de março 1985. Depois de anos resgatar a situação política e histórica do

⁴ Presidente no período de (1961-1964).

⁵ Programa Som do Vinil – Canal Brasil - 2012



Brasil, se torna importante para o entendimento de como se deu esse momento marcante da história do país, que afetou por certo tempo o direito a liberdade de expressão dos indivíduos.

Politicamente o país se encontrava em uma situação complicada. O presidente da época era João Goulart, que se tornou presidente pela renúncia de Jânio Quadros. Goulart antes de assumir a presidência já não era querido no poder, havia renunciado ao Ministério do Trabalho, ainda na gestão do governo de Getúlio Vargas, por pressão da população. Jango - apelido de João Goulart - durante seu mandato como presidente não era bem visto pela a população, que exigia mudanças em seu governo, pois a inflação havia aumentado⁶, sem contar nas greves e gastos de governo.

Pela primeira vez desde o fim da segunda guerra a economia registrará uma contração na renda per capita dos brasileiros. As greves duplicaram, de 154 em 1962, para 302 em 63. O governo gastava demais e arrecadava de menos, acumulando um déficit de 504 bilhões de cruzeiros, equivalente a mais de um terço do total das despesas. (GASPARI, 2002, p.48)

Diante de tantos problemas os militares temiam revoltas comunistas, pois as greves sindicais já haviam se instalado no país. Sem contar os pequenos motins que eram liderados as escondidas por militares, como houve em 1964 com a Revolta dos Marinheiros⁷. Cerca de dois mil marinheiros e fuzileiros navais se reuniram para comemorar o aniversário da associação dos marinheiros e fuzileiros navais, algo considerado ilegal pelo governo, por conta disso o então Ministro da Marinha Silva Mota, decretou ordem de prisão. Fato esse que causou revolta entre os militares, estreitando ainda mais os laços já fracos com o governo de Goulart.

Com o país em crise e a beira de uma revolta militar, alguns generais se mobilizavam no planejamento para depor o presidente João Goulart. As primeiras movimentações vieram do estado de Minas Gerais, por parte do comandante Carlos Luiz Guedes e do general Olympio Mourão, ambos pretendiam derrubar Goulart por meio de um plano intitulado *Operação Popeye*. Tal operação chegou aos ouvidos

⁶ De 50% em 1962 para 75% no ano seguinte. Elio Gaspari, A Ditadura Envergonhada, p.48.

⁷ Link para artigo sobre a Revolta dos Marinheiros:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_revolta_dos_marinheiros



americanos, que imaginavam que o Brasil ficaria nas mãos de comunistas, pois o relatório da operação encaminhado aos americanos dizia que os brasileiros receavam ficar sem combustíveis, o que aumentou ainda mais as especulações em volta do governo.

Com um plano já intitulado e com algumas ligações Mourão conseguiu reunir militares em todo o país, com a intenção de derrubar o governo de Goulart. Entre os militares que se filiaram a ideia, estão os generais Costa e Silva, Geisel, Castello Branco e Kruel que já sonhavam com vagas nos Ministérios. Após a deposição do então presidente João Goulart, o presidente da câmara do governo assume interinamente como o novo presidente da república, Ranieri Mazzilli, o que não dura muito tempo, pois o general Castello Branco assume em 15 de abril de 1964.

Elio Gaspari, autor da trilogia sobre a ditadura militar, resalta um pouco da característica dos governos ditadores, que se sucederam após o governo de Goulart. Segundo ele, o governo de Castello Branco que foi o primeiro de 1964 até 1967, exerceu uma ditadura temporária. No governo de Costa e Silva ele tentou um modelo de sistema constitucional. Mas foi a partir de 1968 o regime ditatorial estava definitivamente escancarado, no governo do general Ernesto Geisel.

A partir de então estavam declaradas as formas mais brutas e desumanas de repressão contra uma sociedade. Foram 21 anos de violação aos direitos humanos dos brasileiros. Os jornais tiveram papel importante na divulgação do que ocorria no país, como o caso do jornal *Correio da Manhã*⁸ que passou a publicar⁹ denúncias de crimes envolvendo torturas.

Apesar de anos de repressão o Brasil, possuía artistas, intelectuais, professores, jornalistas, pessoas comuns que lutavam por um país mais justo. Tais expressões populares puderam ser transmitidas por meio de veículos de comunicação, como a televisão que começava a se consolidar no país. Os festivais de músicas, que ocorreram nos anos de 1966, 1967 e 1968, foram importantes para a implementação de uma

⁸ Jornal carioca – 1901 até 1974

⁹ *Correio da Manhã*, 1º setembro de 1964. Trecho retirado de Elio Gaspari, *A Ditadura Envergonhada*, p.143

Todos os dias, desde 1º de abril, o público e as autoridades tomam conhecimento com detalhes cada vez mais preciosos e em volume cada vez maior de atentados contra o corpo e a mente de prisioneiros culpados e inocentes. No entanto, desde o dia 1º de abril, o silêncio pesa sobre esses crimes. Não há uma explicação, uma nota, um protesto oficial sobre as denúncias. Esse silêncio, e a própria frequência com que se toma conhecimento das torturas, provocam uma reação ainda mais sinistra: verifica-se a tendência para cair numa gradual insensibilidade, esgotando-se a capacidade de sentir horror e revolta.



indústria cultural no país, pois por meio deles criou-se uma dinâmica de produção, tanto artística como mercadológica.

O período militar foi o momento que o Brasil mais investiu nos setores de comunicação no país, principalmente em Televisão. Aumentando o consumo da população, talvez servindo como uma forma de desviar a atenção dos fatos que aconteciam durante a ditadura militar. Tais fatos poderiam provocar uma certa coisificação do homem, como explicam os estudos¹⁰ desenvolvidos por Theodor Adorno e Max Horkheimer¹¹.

Processos que já vinham ocorrendo desde de meados dos anos de 1960, mas que se consolidam na década posterior configurando assim a chamada indústria cultural. Indústria esta que teve como suporte o contexto político-econômico da ditadura militar e a consolidação do capitalismo monopolista.¹² (FRANÇA, 2009, p.3)

A importância dos Festivais da MPB durante a década de 60

Apesar da ditadura já está instaurada no Brasil, a pouco mais de 10 anos Os festivais da MPB foram surgindo, o primeiro se deu pela TV Excelsior em 1965. O público segundo Marcos Napolitano¹³ (2004, p.203) era segmentado, sem preferências completamente mapeadas e delimitadas.

No ano de 1966 o festival passaria a ser transmitido pela TV Record, com o nome de II Festival da MPB. Nesse período o público já havia sido delimitado, era um público na sua maioria estudantil, com idealizações políticas, a quais alguns artistas traziam em suas músicas. Entre os artistas convidados a participar desse festival estavam Chico Buarque e Geraldo Vandré. Foram esses festivais que conseguiram articular a promoção e divulgação dos artistas brasileiros.

Do ponto de vista da indústria cultural, foram os festivais, sobretudo os festivais da TV Record, que consolidaram o esquema que articulava estratégias de promoção e divulgação dos artistas (NAPOLITANO, 2004, p.206).

¹⁰ Indústria Cultural

¹¹ Theodor Adorno e Max Horkheimer – fundadores da escola de frankfurt

¹² Artigo publicado na revista Sumaré – revista acadêmica eletrônica - autora: Jacira Silva de França

¹³ Professor do departamento de História da Universidade Federal do Paraná – artigo – Os Festivais da Canção Como Eventos de Oposição ao Regime Militar Brasileiro (1966-1968) – publicado em - O golpe a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)/ Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti, Rodrigo Pato Sá Motta (orgs.) – Bauru, SP: Edusc, 2004.



III Festival da Música Popular Brasileira de 1967

O III Festival da MPB exibido pela TV Record, foi o mais aguardado pelo público, que acompanhava os festivais, tanto que após 43 anos um documentário foi lançado¹⁴, resgatando o show daquela noite.

O ganhador do festival de 1967 foi Edu Lobo cantando junto com Marília Medalha, a canção *Ponteio*, composição do poeta Capinan. A canção que tinha letra de protesto, [Jogaram a viola no mundo/Mas fui lá no fundo buscar/Se eu tomo a viola/Ponteio!/Meu canto não posso parar/Não!...] contagiou o público do começo ao fim do espetáculo. O segundo lugar ficou com Gilberto Gil e os Mutantes, a música foi *Domingo no Parque*, o terceiro foi para Chico Buarque com *Roda Viva*. Quarto lugar ficou com Caetano Veloso e Beat Boys – *Alegria, Alegria*, o quinto lugar ficou com a jovem guarda, Roberto Carlos – *Maria Carnaval e Cinzas*.

Os Festivais eram tão disputados que por muitas vezes os artistas não conseguiam cantar, por conta de aplausos ou vaias. O pior aconteceu com Sérgio Ricardo, que impossibilitado de cantar sua música “*Beto Bom de Bola*”, por conta das vaias, acabou entrando para a história como o protagonista da quebra do violão no palco.

Segundo Sérgio Ricardo o público virou um personagem no festival, “A ação do público foi natural, dentro de um contexto que cabia esse tipo de resposta. Havia uma contrariedade dentro da cabeça dos brasileiros. Aguentar uma ditadura é uma coisa difícil” (UMA NOITE EM 67, 2010, filme).

O III festival da MPB, foi à porta de entrada para a guitarra elétrica no Brasil. Caetano Veloso iniciou sua canção *Alegria, Alegria* sob vaias do público, por conta da sua banda que apresentava com guitarras elétricas, tocadas pelos argentinos da banda *Beat Boys*. Ao final da apresentação só se ouvia aplausos. A música de Caetano que ficou em quarto lugar na classificação dentro do festival, foi junto com Gilberto Gil, um verdadeiro marco para a popularização da cultura de massa no Brasil, como uma forma de integrar o povo brasileiro a suas origens, lançando posteriormente o movimento tropicalista, em âmbito musical.

¹⁴ Uma noite em 67 – 2010. Dirigido por Renato Terra e Ricardo Calil



“O principal propósito do tropicalismo era de fato, sacudir o ambiente, o ambiente musical e cultural. Este pequeno grupo da Bahia achava que a violência da nossa situação e a importância da cultura de massa, tinham muito em comum. Violência política e ícones pop, sabe, tinham a ver com o rock'n'roll¹⁵”. Caetano Veloso

Com toda a expressão artística iniciada durante o III Festival da MPB da Record, foi levada a diante nos anos seguinte, a prova é a Tropicália. Como os festivais de modo geral eram exibidos na televisão veículo cada vez mais popularizado no Brasil, fez com que os artistas fossem reconhecidos e divulgados, lançando a população suas ideias por meio de canções, o que foi analisado pelo governo do general Geisel, como uma afronta, causando posteriormente a prisão e o exílio de muitos artistas brasileiros.

Teoria crítica – a indústria cultural

O conceito de Indústria Cultural surgiu a partir de pesquisas feitas pelos egressos da escola de Frankfurt¹⁶, Horkheimer e Adorno. Ambos propuseram essa análise com base nos tempos modernos, e as situações que ocorriam naquele período de segunda guerra mundial, onde o capitalismo se consolidava.

As pesquisas começaram com a intenção de entender o momento histórico em que o mundo passava. Momento esse que parecia estranho aos olhos de Horkheimer e Adorno, eles haviam saído da Alemanha, fugindo para os Estados Unidos, um país definitivamente já instituído como capitalista, com formas e jeitos diferentes de consumismo. Isso despertou nos cientistas uma vontade de entender quais eram esses sintomas da sociedade, que pareciam criar indivíduos coisificados ainda que silenciosamente, dividindo eles em classes diferentes, onde se destacava uma pequena burguesia.

A expressão indústria cultural segundo Horkheimer e Adorno, seria a produção em massa de bens culturais. Em essência a expressão não se refere às empresas produtoras nem às técnicas de difusão dos bens culturais. Representa, um momento

¹⁵ BRASIL, Brasil.BBC. Revolução da Tropicália, 2007. Episódio 2

¹⁶ Horkheimer e Adorno eram judeus e deixaram a Alemanha, fugindo da 2ª guerra mundial. Abrigando-se nos Estados Unidos, onde suas pesquisas a respeito da cultura de massa e da indústria cultural foram consolidadas.



histórico: a transformação da mercadoria em matriz de cultura, e assim, da cultura em mercadoria.(RÜDIGER, 2002, p. 18)

A cultura transformada em mercadoria, cria o intuito único de venda, uma necessidade de repassar o produto somente pelo seu valor comercial, não importando o que ele realmente possa significar quanto ao acréscimo de conhecimento ou conteúdo. Sendo assim, o mercado impõe a um artista que ele se enquadre ao formato que a indústria necessita do contrário ele será lançado para fora dela. Um artista pode criar algo novo, mas que esse novo não seja capaz de desinteressar o que o mercado procura.

A criação de um mercado delimita a separação de classes sociais. Quando se cria um produto em que algumas pessoas podem comprar e outras não, começa a exclusão. Portanto essa separação de grupos, faz com que os menos privilegiados, no caso economicamente, se sintam excluídos. A indústria pensou nisso, por meio de produtos ela faz com que a pessoa sinta a necessidade de adquirir um serviço, mostrando que os outros o possuem, e que você não pode ficar sem ele.

As camadas de consumidores em que as novas formas de cultura de massa primeiro penetram não pertencem nem às camadas sociais inferiores, mas com uma certa frequência aos grupos em processo de ascensão.”(BEAUD, 1995, p.205, *apud* RÜDIGER, 2002, p.46)

Segundo Adorno a indústria cultural é reduzida a meros aspectos técnicos, não em uma produção social. Isso diferenciava o pensamento dos Frankfurtianos para os Iluministas. Os iluministas pregavam que a técnica libertava o homem. Já Adorno acreditava que a técnica prende o homem. Isso porque causa uma dependência, o ser humano fica condicionado a aceitar aquilo que já lhe foi imposto, sem a necessidade de questionar e de descobrir novas realidades e ciências.

A coisificação do homem é um assunto recorrente nas pesquisas de Adorno. Essa constante procura por produtos, mercadorias e técnicas, torna o homem um ser automático, que não procura a evolução, o pensar, já que a indústria cultural, produtora da cultura de massa o lança para o pronto, onde qualquer indivíduo pode consumir seus produtos.



A massa é uma forma de associação de indivíduos que foram privados de suas diferenças pessoais e naturais e reduzidos à expressão mais comum de sua individualidade abstrata, isto é, a procura do interesse individual. Enquanto membro da massa, o homem se torna puro e simples objeto de autoconservação [...] A massa une mas une sujeitos atomizados, que se encontram separados de tudo o que transcende seus impulsos e interesses egoísticos. (MARCUSE, p. 126 *apud* RÜDIGER, 2002, p.49)

Os meios de comunicação estariam diretamente ligados a esse conceito de massificação do homem. Um exemplo da força do meio de comunicação perante o indivíduo foi o caso da transmissão de rádio, que reproduziu “Guerra dos mundos”, onde Orson Welles transmitiu a invasão marciana no planeta Terra. Essa transmissão acabou gerando desespero na população, e até mortes.¹⁷ “Guerra dos mundos”, mostrou o tamanho do alcance e da credibilidade que os meios de comunicação tem perante os indivíduos, isso preocupava Adorno, o ser humano estaria condicionado a aceitar como verdade tudo o que os meios produziam.

A indústria cultural brasileira – sua ascensão durante o período militar

Nos anos que antecedem o golpe militar, e a ditadura de uma forma geral, o Brasil era um país notoriamente rural, as cidades eram compostas em sua maioria por burgueses. A industrialização brasileira começou no governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960), quando o então presidente começou a industrializar o país. A intenção de Juscelino era fazer o país desenvolver em cinco anos o que ele ainda não havia desenvolvido em cinquenta. Nesse período inaugurada a nova capital federal, Brasília. Estradas foram construídas, e a área automobilística teve um maior investimento, sem contar as indústrias de mineração, petróleo e siderurgia.

Com isso o brasileiro criou um sentimento nacionalista, valorizando mais o seu país pelo o que ele vinha criando. Ainda nesse período alguns movimentos artísticos foram criados como a “*Bossa Nova*”. Estudos sobre a cultura popular e o lazer popular

¹⁷ Informações a respeito da transmissão disponíveis em :
http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_26jul00.htm



também foram surgindo, como os de Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freire (ALMEIDA, 2005, p.91). Esta temática brasileira se justificava pela preservação dos valores nacionais, ameaçados pela invasão cultural norte-americana. (ZILIO, et al., 1982 *apud* ALMEIDA, 2005, p.90), em consequência disso, o nacional popular está imiscuído com o povo. (ORTIZ, 1985 *apud* ALMEIDA, 2005, p.90)

Com o surgimento dos festivais de músicas em 1965, as movimentações artísticas ganharam força, perante a população, as pessoas se identificavam com as letras de protestos que eram recitadas nos palcos. Porém durante o governo de Geisel, em 1968, essas expressões culturais foram sendo cortadas, pois ameaçavam o governo. O que não impedia a população de adquirir seus televisores, onde os festivais eram transmitidos.

A década de 60 foi o apogeu dos movimentos culturais, o III Festival da MPB de 1967 foi palco para diversas outras formas culturais que vieram posteriormente, como a Tropicália, as músicas cantadas lá traduziram o movimento que era gerado nos bastidores. Músicas como Alegria, Alegria de Caetano Veloso mostravam o que os artistas queriam fazer, misturando Brigitte Bardot no coração do Brasil¹⁸.

Com a instauração do AI-5¹⁹, a repressão foi mais forte, os festivais acabaram se dissolvendo. Nesse período, muitos foram exilados, os meios de comunicação foram censurados. Notícias sobre presos políticos greves e crises passaram a ter veiculação proibida. (FRANÇA, 2009, p.3)

“Sinto-me feliz, todas as noites quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranquilizante após um dia de trabalho²⁰”. (REIS JÚNIOR, 2003 *apud* FRANÇA, 2009, p. 4)

¹⁸ Referência a letra Alegria, Alegria, de Caetano Veloso.

¹⁹ AI-5 – Ato inconstitucional número 5 de 1968 – Instaurado durante o governo de Costa e Silva.

Disponibilizado em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>

²⁰ É célebre a frase atribuída ao presidente Médici - (FRANÇA, 2009, p.4).



CONCLUSÕES

O presente artigo resgatou uma parte da história do Brasil, tentando demonstrar o quanto as movimentações artísticas e os veículos de comunicação, podem e devem realizar sua diferença perante a população, como seus representantes.

O III Festival da MPB de 1967 exibido pela rede Record, foi um momento de libertação artística, um período em que os cantores e compositores brasileiros puderam ainda se impor perante as suas ideias, e transmiti-lás em forma de canções.

A indústria cultural que teve maior impulso durante esse período no Brasil, ao meu ver não proporcionou a coisificação do homem, pelo contrário, ela tentou libertar o brasileiro das amarras políticas e controladoras. A música poderia levar sim a pensar a contestar, por isso a censura foi colocada. Os militares tinham medo da revolta do povo.

Os meios de comunicação, principalmente a TV tinham um papel ameaçador perante os governantes. Caso os festivais de música tivessem continuado depois do ano de 68 quando foi instaurado o AI-5, talvez as músicas de protesto teriam continuado, prejudicando assim o regime imposto.

A cultura de massa dos tropicalistas, só gostaria de trazer ao brasileiro o que é do brasileiro, Luiz Gonzaga, o folclore, Carmem Miranda. Basta escutar suas músicas. Elas mostram ao brasileiro o que é de direito do brasileiro, não é preciso olhar para fora do país, quando se tem uma vasta cultura.

“Nós achávamos, que deveríamos soar nacional, soar brasileiro, mas soando global também. Por causa da ditadura nós precisávamos de uma forte reação da sociedade, em termos de resistência pela liberdade, pela liberdade de expressão, pela circulação de ideias²¹”.

Gilberto Gil

²¹ BRASIL, Brasil.BBC. Revolução da Tropicália, 2007. Episódio 2



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco. Aspectos teóricos da indústria cultural e a televisão no Brasil. In: Efdportes – Revista Digital – Buenos Aires – Ano 13 N°21, 2008.

ALMEIDA, Marco e GUTIERREZ, Gustavo. O afastamento do nacional popular e a incorporação da indústria cultural no lazer brasileiro: influência do regime militar. In: Licere – Belo Horizonte Celar – V.8 N° 2 p.90-98, 2005.

FRANÇA, Jacira. Indústria cultural e ditadura militar no Brasil dos anos 70. In: Sumaré - revista acadêmica eletrônica, 2009.

GASPARI, Elio, “A Ditadura Envergonhada”. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NAPOLITANO, Almeida. Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968). In: REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo (orgs.). O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004) – Bauru, SP: Edusc, 2004.

RÜDIGER, Francisco, Comunicação e teoria crítica da sociedade: fundamentos da crítica à indústria cultural em Adorno/ Francisco Rüdiger. – 2. Ed., rev. E ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BRASIL, Brasil.BBC. Revolução da Tropicália, 2007. Episódio 2

UMA noite em 67. Direção: Renato Terra e Ricardo Calil. Rio de Janeiro. VideoFilmes, Record Entretenimento e BNDES, 2010 [produção]. 1 filme (85 min).

SOM do vinil - Tropicália. Direção Geral: Darcy Burger. Bravo Produção, 2012. Programa do Canal Brasil.

D’ARAÚJO, Maria. Fatos & Imagens > O AI-5. CPDOC/FGV- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2012. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em 20 out. 2012.

LAMARÃO, Sérgio. A conjuntura de radicalização ideológica e o golpe militar > A revolta dos marinheiros. CPDOC/FGV- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2012. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_revo_lta_dos_marinheiros>. Acesso em: 20 out. 2012.